



VETORES E EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS NAS MÚLTIPLAS AMAZÔNIAS: POR UMA COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE DA UFPA

Orlando Franco Maneschky. UFPA

RESUMO: Pensar a produção estética na Amazônia demanda um mergulho em um território complexo e que dista da ideia de floresta virgem. Faz-se necessário ponderar sobre fluxos que atravessaram e cortam esse ambiente para, ao olhar para o passado, compreender o tempo presente. Este artigo busca lançar vetores para pensarmos a produção estética na região e atentar para o significado de se constituir uma coleção a partir das obras de artistas que se envolvem de forma densa com particularidades da região, materializando suas experiências nas mais variadas expressões das artes visuais. Depositada na Universidade Federal do Pará, esta coleção se propõe a engendrar pensamento acerca do fazer artístico e seus imbricamentos com a sociedade, constituindo acervo, e produzir reflexão crítica sobre a elaboração estética na Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Arte Contemporânea; Subjetividade

ABSTRACT: Think aesthetic production in the Amazon demand a dip in a complex territory, that is too far from the idea of virgin forest. It is necessary to think about flows that crossed and cut for this environment, to look at the past, understanding the present time. This article seeks to shed vectors to think aesthetic production in the region and attend to the significance of setting up a collection from the works of artists who develops a dense engage with the region's particularities, materializing their experiences in expressions various of the visual arts. Deposited at the Federal University of Pará, this collection aims to engender thought about making art and its imbrications with society, makes this collection, and produce thinking about aesthetic elaboration in Amazon.

Key words: Amazon; Contemporary Art, Subjectivity

É fato que múltiplas culturas, dotadas de sofisticados procedimentos estéticos atravessaram o território que hoje denominamos de Amazônia. Já nos séculos XVI e XVII relatos sobre grande quantidade de agrupamentos humanos¹ aparecem em registros de viajantes pela região, todavia, são raras as especificações acerca da cultura material destes povos presentes nas narrativas deixadas por seus exploradores, a despeito de que algumas pistas já figuravam em relatos etno-históricos desde o século XVI.² Objetos de caráter cerimonial e doméstico constituídos em cerâmica e pedra vem sendo encontrados desde o período em que as expedições promovidas nos meados do século XIX, já não eram motivadas apenas pelas conquistas de novas terras, mas elaboradas com intuítos científicos.

De lá para cá, avançou-se significativamente no entendimento acerca desses vestígios de produção cultural³.

Se outrora compreendia-se, a luz de um eurocentrismo, que essas culturas não tiveram “desenvolvimento” suficiente para demarcarem suas existências de forma mais explícita, como por meio de arquitetura, hoje entende-se que havia toda uma complexidade figurativa, inscrita em fragmentos, cerâmicas e objetos líticos encontrados em sítios arqueológicos, revelando que alguns desses povos possuíam fina sofisticação estética, sistemas simbólicos/espirituais, e foram capazes de estabelecer parâmetros astronômicos, como pode ser indicado pelas estruturas megalíticas encontradas em Calçoene, no Amapá. Possivelmente, essas construções foram criadas para, por meio da observação astronômica, orientar períodos de plantio e colheita, bem como cultuar deuses relacionados a essas atividades⁴. Embora venham se desenvolvendo diversas e significativas pesquisas científicas, muito ainda está por ser descoberto sob o solo das florestas, campos e sambaquis escondidos na região, na qual outrora um substancial fluxo de informações e culturas circulou, como atualmente é apontado pela arqueologia.

Optamos por iniciar nosso artigo pontuando essas ocorrências na região para situarmos o leitor em um território que há muito tempo vem sendo palco de uma intrincada rede de culturas, que ora se perderam, ora foram absorvidas, diluídas, resignificadas. O que vemos hoje nos remanescentes dos povos da floresta, índios e ribeirinhos, em suas práticas cotidianas, (atentando para as distintas particularidades), são saberes elaborados, que vão desde geometria, passando pela artesanaria, muitas vezes em conexão íntima com uma compleição cosmogônica, em que ritos e objetos detêm sentidos complexos. Quais conexões esses saberes detêm com os conhecimentos milenares dos antigos povos da Amazônia, ainda está por ser revelado. Muito está por ser compreendido.



Sítio arqueológico de Calçoene (AP), com pedras monolíticas estrategicamente posicionadas. Foto: Marcomede Rangel.

É nesse fecundo ambiente, pontuado por vetores que assinalam requintadas experimentações, com o emprego dos mais diversificados materiais, em elaborações plásticas que irrompem do um passado e nos revelam traços de uma Amazônia que é múltipla, fragmentada, instigante e bem mais repleta de história do que aquela que ainda encontra-se insistentemente presente nas imagens, cristalizadas pela mídia, da uma floresta virgem e intocada.

É ao percebermos que a Amazônia está além das imagens clichês difundidas, que possui uma história intricada e uma produção artística que vem os poucos sendo conhecida além de suas fronteiras, que nos propusemos a pensar uma coleção de arte que lance à luz toda uma produção que traz em sua gênese relações estabelecidas no ambiente amazônico, a partir de procedimentos empreendidos por artistas que apontam para elaboradas construções de proximidade com este território, e que ativam questões vinculadas à cultura, história, experiência estética etc. Entretanto essa coleção é fruto de um percurso de trabalho desenhado ao longo de anos, nos quais vimos pesquisando – tanto na academia, a partir da pós-graduação, e subsequentes projetos de pesquisa realizados na Universidade Federal do Pará, quanto na prática junto a artistas, por meio de curadorias, individuais e compartilhadas -, articulando projetos em que a produção artística da região encontrava-se de alguma maneira em pauta, como *Inscrições Videográficas no Pará* (realizado com os auspícios do Programa de Bolsas de

Estímulo à Produção Crítica em Artes – Funarte, 2008), *Contigüidades: dos anos 1970 aos anos 2000*, (2008); *Projeto Arte Pará* (de 2008 a 2010), *Amazônia, a arte* (2010) e *Caos e Efeito (Contra-Pensamento Selvagem)*, (2011). Esses estudos e projetos viabilizaram o contato com artistas, obras e a prática curatorial necessária para começar a desenhar a ideia de uma coleção de arte que, estabelecida na região, dentro de uma instituição de ensino, estivesse em sintonia com a missão desta, de ensino, pesquisa e extensão, facultando o acesso aos conhecimentos gerados.

Neste cenário, concebemos o projeto *Amazônia, Lugar da Experiência*, que partia dos anos 1970 e vinha até os anos 2010, e que pretendia reunir inicialmente um grupo de obras de seis artistas que realizaram projetos significativos na região, organizando-as em coleção no Museu da UFPA. Em 2012, este projeto foi contemplado com o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Artes Visuais 2010. Com a grande receptividade obtida, formatamos projeto para o edital de Circulação | Mediação do Instituto de Arte do Pará – IAP - 2012, que também foi aprovado. Assim, pudemos ampliar o raio de ação de *Amazônia, Lugar da Experiência*, adquirindo um número maior de obras, constituindo site na internet, realizando duas exposições, uma mostra de cinema e intervenções urbanas, bem como articulando um ciclo de Seminários entre outubro de 2012 e fevereiro de 2013 na cidade de Belém, tudo isso em um processo de aproximado com o circuito artístico. Com todo esse movimento, conseguimos reunir obras de trinta e um artistas e juntar um grande número de pessoas, em tono das mostras, seminários e transmissões simultâneas via internet, estimulando o acesso, o debate e o pensamento crítico acerca do que se realiza em termos de arte na Amazônia.



Vista parcial da mostra *Amazônia, Lugar da Experiência*. MUFPA. Pavimento térreo. Obras de: Rubens Mano, Roberto Evangelista, Tiago Martins de Melo e Luiz Braga. Foto: Fernando Faria Júnior.

No Museu da Universidade Federal do Pará, a primeira mostra apresentou um reunião substancial de obras de vinte artistas, das adquiridas de acordo com o projeto inicial submetido à Funarte, a outras frutos de doações, somando fotografias, pinturas, objetos, vídeos e instalações. Para tanto, decidimos doar alguns trabalhos de artistas de nosso acervo particular que acreditávamos importantes para a coleção, por compreender que o conjunto previsto no recorte inicial do projeto era tímido diante do universo de artistas que vem atuando na região, e no intuito de, ao ampliar, dar a ver a diversidade e potência do que é produzido nesse universo. A partir daí, arrumamos com que outros proprietários de obras que desejávamos incluir na coleção se dispusessem a efetuar doação. Essa atitude foi bem aceita por parte de inúmeros artistas que, vindos de experiências de coletividade, e com posicionamentos críticos, compactuassem com o projeto, entendendo o significado de instalar na UFPA uma coleção de arte fruto de olhares diversos sobre esse território particular que é a Amazônia.

Na primeira exposição a obra emblemática de Miguel Chikaoka *Hagakure*⁵ (2003) - uma caixa de luz com três negativos em formato médio, trazendo em cada

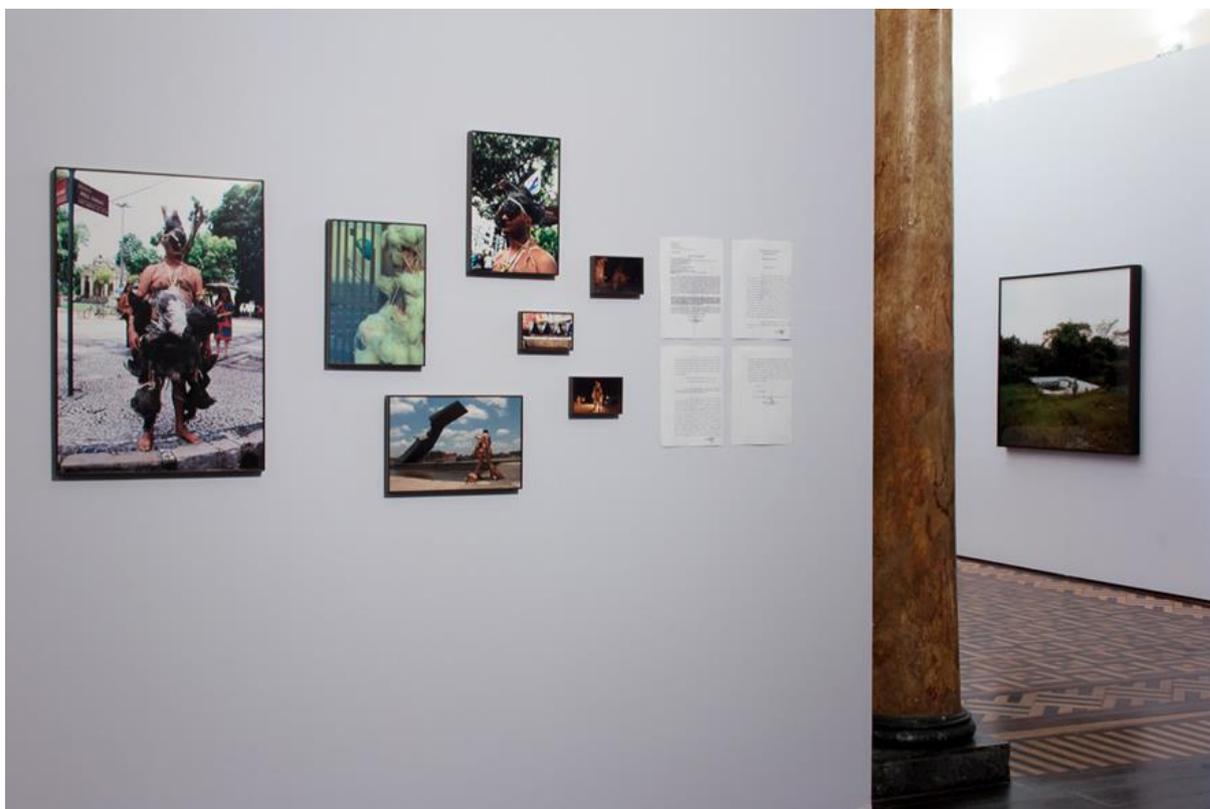
película um diferente ângulo de captura de seu olhar, imagens estas transpassas pelo espinho da palmeira Tucumã -, abre a mostra e vem ser uma das obras mais eloquentes do artista e educador, que formou gerações por meio de jogos sensoriais e experimentações conceituais na FotoAtiva e que, com *Hagakure*, nos convida a entrega máxima do olhar: ver à fundo, transpassar a retina para enxergar mais além.



Hagakure, Miguel Chikaoka, 2003. Foto: Fernando Faria Júnior.

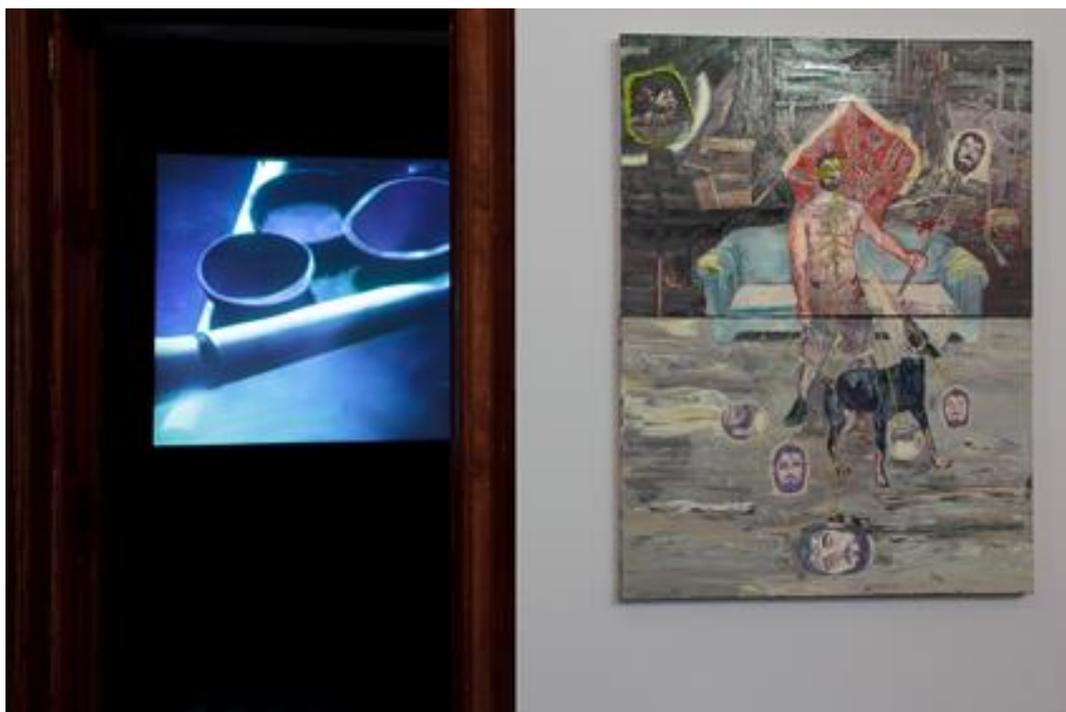
Logo depois, somos convidados a nos desnortear com o vídeo *...Feito Poeira ao Vento...*, de Dirceu Maués, realizado na “pedra”⁶ em que os pescadores do mercado do Ver-o-Peso ancoram seus barcos para vender o peixe. Ali, uma traquitana construída pelo próprio artista gira em 360° captando, em um fluxo ululante, toda a vida que se apresenta no trânsito de pessoas e veículos em dos pontos de maior afluxo da cidade. Romper o olhar, desnortear-se, para poder se deparar com a selva que toma de volta seus espaços, engolindo construções, como as do *Araçagy Praia Clube de Mosqueiro*, balneário presente na ilha que tradicionalmente é um dos pontos mais procurados por veranistas em Belém. Lá, Rubens Mano irá fotografar a mata reocupando os espaços onde outrora centenas de pessoas divertiam-se durante os longos verões da Amazônia. Arquitetura e Natureza. São variadas questões que irrompem das obras colecionadas: especificidades de lugar, tipologias, discussões sobre o corpo estão presentes nas obras de Luiz Braga, Danielle Fonseca, Víctor de La Rocque e Alexandre Sequeira. É a carne no mercado, a postura do homem amazônida, seus rostos, seus corpos de

emergência. É o desejo de constituir vínculos, de se inscrever no mundo, nas coisas da vida. Há a necessidade de “aprender a ficar submerso”, mergulhar, afogar-se e sair da onda. É a elaboração de um re-corpo, enquanto *gallus sapiens*⁷, que precisa acordar para a vida e sair da sedação.



Em primeiro plano *Gallus Sapiens*, 2008 - , de Victor de La Rocque, ao fundo, *Sem Título [da série súbitas paisagens] P*, 2007, de Rubens Mano. Foto: Fernando Faria Júnior.

É a criação e a sobrevivência das formas, conhecimentos milenares dos povos autóctones, remanescentes “depois do massacre, só restaram os restos, os riscos e restos da memória. Aí, onde guardamos as falas dos velhos, para não esquecer do início, de boca a ouvido”, como nos alerta Roberto Evangelista (1978) em seu filme performático, *Matter Dolorosa - in Memoriam II*⁸, e nos desvela um “olho imenso, bojuto, luz de muitos olhos, flutuante, circulante, circulando”, conclamando a todos a enxergar mais nas misteriosas relações do espírito e do estômago. É o olho marginal que enxerga de relance o invisível, animal caboclo, misturado, devorado e devorante, de mato e tambor. É Thiago Martins de Melo guiado por suas sete cabeças degoladas, que ainda insistem em nortear o cão de Ogum. São ancestralidades, forças viscerais, atávicas.



Detalhe do filme *Matter Dolorosa – in Memoriam II*, Roberto Evangelista, 1978, e *Meu Sete*, de Thiago Martins de Melo. Foto: Fernando Faria Júnior.

A relação com o outro, identificações, estranhamentos, cumplicidades, trocas, encontros que aparecem em vários projetos e parecem entranhar-se na pele, nas imagens, nos objetos, como nas fotografias de Paula Sampaio, que vai e vem pelas rodovias, entre a Transamazônica e a Belém-Brasília, encontra migrantes, faz amigos, ouve, vê, escuta sonhos perdidos devorados pela selva. Transamazônica, sonho de integração de muitos de nossos pais, que viam, na estrada que irrompia na selva, um futuro promissor, mas que não chegou, restando apenas a fome, o esquecimento, a falta de condições de vida, nas cidades e vilarejos que existem em meio àquilo que a floresta agarrou de volta. Ouro, bocas de ouro, toques de Midas e uma Serra que ficou nua, febril, cheia de doença e delírio. Armando Queiroz nos avisa: ouro é de tolo! Nossos urubus são outros! Não aqueles crépidos pelo ego de artista.

Acácio Sobral, Lucas Gouvêa, Lucia Gomes, Jorane Castro e Eder Oliveira nos apresentam faces múltiplas, índios urbanos, justiceiros, guerrilheiras, gente comum presente no embate entre a embriaguez e a dor na luta por criar diferença. *Nem que L. faça 100 anos!*, brada Gomes, no embate contra a violência silenciosa que persistem em abafar nos bucólicos vilarejos, ou quando, ao subverter a ordem, transporta para o lixão um barco, inserindo-o no mar de lixo e catadores, realizando

um concerto de cordas, alterando a lógica do dia-a-dia do lixão. Serra do Navio, cidade natal de Maria Christina, construída para atender a um dos múltiplos projetos econômicos sobrepostos à região, e que se revelou um grande insucesso para o Amapá, virou cidade fantasma, para a qual a artista regressa e vaga, entre o sonho infantil de viver na cidade perfeita idealizada por Oswaldo Bratke, e o abandono que a vila sofreu após o fim da mineração. Fantasmagoria em meio a selva. É preciso ficar atento! O Grupo Urucum desloca do Amapá até a Funarte, no Rio de Janeiro, troncos de árvores derrubadas, passando a serrá-las até não existir mais nada. Ação política, performance, grito de alerta sobre os desmandos, a negligência, os crimes que assolam o Norte. Caos instalado, barulho e pó de restos de árvores. Em meio a deliciosa desordem do Ver-o-Peso que, no final dos anos 1980 ainda não tinha passado pelo processo de higienização e organização por parte da prefeitura, Oriana Duarte construiu sua instalação *Barco*. Nele tomou sua *Sopa de Pedras* diante dos frequentadores do ambiente, que tentavam entender qual o sentido da ação da artista. Em franco diálogo e com os trabalhadores da feira livre, Duarte irá sugerir a estes que a potência de transformação está presente em todos, em cada um, aguardando apenas o deflagrar, o irromper da chama.



Frame do video documento da performance *A Coisa em Si - Sopa de Pedras* – Belém, Oriana Duarte, 1988. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Entre outubro de 2012 e janeiro de 2013 essa primeira exposição permaneceu no MUFPA, tomando ainda alguns outros lugares da cidade, como o Cinema Olympia, no qual semanalmente foi exibido o filme *Invisíveis Prazeres*

Cotidianos, de Jorane Castro, que apresenta uma cidade multifacetada, mediada pelo olhar de jovens blogueiros, que junto ao da cineasta compõem um caleidoscópio da úmida metrópole da Amazônia. Já na Rua da Marinha, Éder Oliveira pintou figuras das páginas policiais, transplantando-as nas paredes da periferia da cidade, como o retrato do gatilheiro Quintino, figura folclórica dos anos 1980, que começa sua trajetória como assassino de aluguel, envolvido em crimes de terra, para depois rebelar-se contra seus mandantes latifundiários, juntando-se ao menos favorecidos. E Lucas Gouvêa concentra-se no período eleitoral e espalha pelas ruas do centro de Belém seus cartazes lambe-lambe e insinua: Re|Vote|Si! Olhar para si, mexer-se, cuidar no eleger quem cuidará da cidade.



Sem Título, Eder Oliveira, 2012. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

A segunda exposição, intitulada *Entre Lugares [Amazônia, Lugar da Experiência]*, aconteceu de dezembro de 2012 a fevereiro de 2013. Assim como a primeira, esta também apresentou obras de caráter político. Contudo, muito mais voltadas a uma política dos sujeitos, em que memória, história e subjetividade são vetores deflagradores dos projetos artísticos, como na sugestão de performance, com o *Aparelho para escutar sentimentos*, de Armando Queiroz, em que de forma lúdica e singela, o artista disponibiliza um copo para estimular o contato, a aproximação entre os espectadores, visitantes e obra, propondo posicioná-lo junto ao coração, ou como Luciana Magno apresenta na performance orientada para o vídeo em que mergulha com a camisola da lua-de-mel de sua avó até desaparecer nas águas barrentas do rio, ou ainda na ação íntima presente na série de fotografias

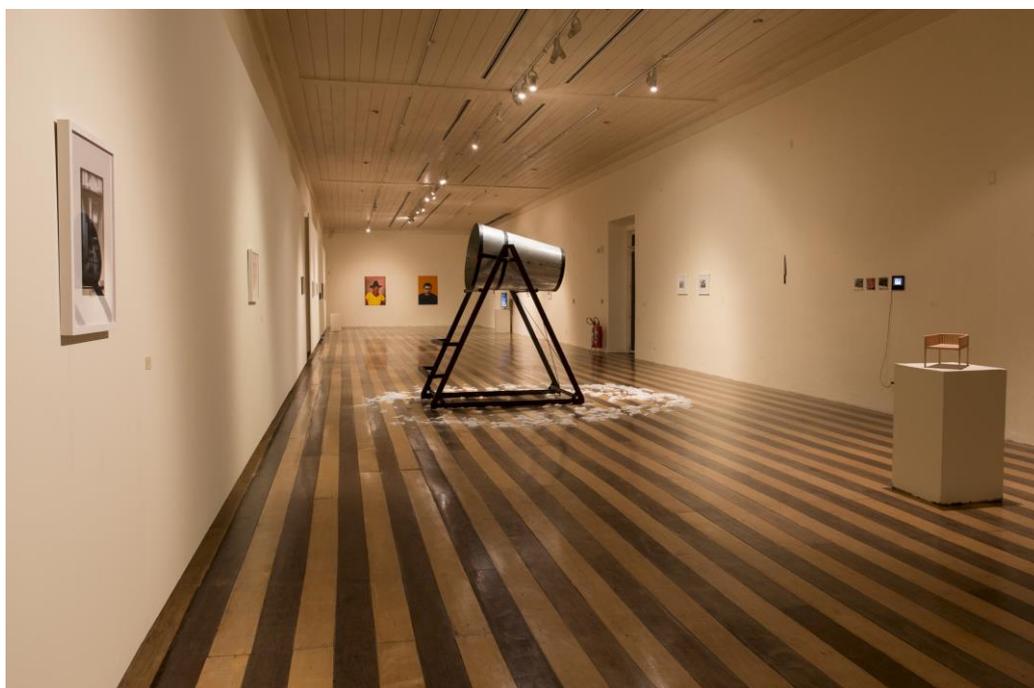
de Sinval Garcia, *Automatic-Men*, em que o artista performatiza para câmera, em uma alusão aos antigos estúdios fotográficos de Belém, ativando história, técnica e performance diante da lente, colocando o próprio corpo como elemento escultórico e objeto para a imagem, em um conjunto sofisticado que dialoga com a história da arte. Também tempo e memória estarão presentes na obra de Cláudia Leão, onde vemos uma figura feminina aparecer, aguardando o passar eterno das horas, disposta por detrás de uma janela, esta salva de um casarão histórico dentre os muitos demolidos. É a imagem nos falando do tempo que passa e que se perde para sempre, de todas as memórias esquecidas, do passado perdido. Dos sonhos descarrilhados de uma Belle Époque dos trópicos!



Em primeiro plano obra de Keyla Sobral, ao fundo e a direita obras de Cláudia Leão. Museu Casa das Onze Janelas. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

Por vezes são gestos que, mesmo aparentemente sutis, como o registrar de toda uma “Arborescência⁹”, como o faz Patrick Pardini, revelam a relação tensa e muitas vezes violenta do homem com o mundo vegetal. Roberta Carvalho projeta rostos de ribeirinhos nas árvores das ilhas, ribeirinhos estes há muito observados em seus universos mágicos e lúdicos por fotógrafos como Elza Lima e Octávio Cardoso, ou os urbanos que se insinuam nas fotografias de Jorane Castro. Éder Oliveira pinta também em telas retratos de supostos “banidos”, vítimas de uma sociedade

violentamente capitalista. E a terra-treme, treme-terra! É na voltagem entre a tradição e a tecnologia que operam Val Sampaio e Melissa Barbery. A primeira capta o cotidiano, a vida lenta com os amigos em imagens de celular para montar terna instalação, já a segunda irá constituir um lísergico jardim de pequenos objetos luminosos encontrados em camelôs para falar de ecologia, vida e morte, assuntos delicados como os empregados por Keyla Sobral, em a *Varanda da Mulher Solitária*, frágil objeto, pequena maquete de palafita construída em cedro não-certificado que aponta para a existência desesperançada de vários habitantes de favelas às margens dos rios das grandes cidades. Qual a saída para os processos engendrados nas vidas flutuantes em situações de fragilidade e risco? Talvez, a performance *O Momento Cone*, do Projeto *Gallus Sapiens*, de Victor de La Roque, possa nos indicar: ao entrar no cone, ficar de cabeça para baixo, tal qual frango para o abate, com uma faca a poucos metros disponível para quem quiser utilizar, o artista nos coloca em cheque para os papéis que assumimos, entre a vítima e o algoz. Superar a fratura, o trauma. Nos devorarmos para nos termos em medida e valor.



Vista parcial da mostra *Entre Lugares [Amazônia, Lugar da Experiência]*, Em destaque, ao centro da sala, *O Cone*, de Victor de La Roque. Museu Casa das Onze Janelas. Acervo: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA

Esse jogo de forças e posicionamento político assumido faz-se presente no próprio nome da coleção. Ao adotarmos o “Amazoniana” há uma crítica ao exotismo

de outrora que direcionou a constituição de várias coleções “brasilianas”. Longe de se estabelecer como simples “coleccionismo”, ou um “gabinete de curiosidades”, a Coleção pretende se distinguir, também por não agregar toda e qualquer produção artística constituída sobre a Amazônia. Reunimos obras em que artistas, da região ou de fora, projetam suas vivências no lugar, materializando-as em forma de arte, geradas na dimensão do encontro com a região, revelando múltiplas Amazônias, mas com um posicionamento ético diante do que se vê. Buscamos a inflexão, o mergulho, a diferença no fluxo do encontro, nos diálogos estabelecidos com o outro. É nesse campo de intervalo que acreditamos ser possível a construção de uma coleção que opera em um fluxo vivo, no atravessar de múltiplas experiências que se configuram em um território que está em continua transformação.

NOTAS

¹ Ver: CARVAJAL, Gaspar de. Relação do Novo descobrimento do famoso rio Grande. In: Descobrimento do rio das Amazonas. (Brasiliana série 2º, Vol.203). São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1941.

² Ver mais em: GUAPINDAIA, Vera Lúcia Clandrini. LOPES, Daniel. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. Revista de Arqueologia, V. 24, No 2, dez. 2011. Acessado em: <http://sabnet.com.br/revista/artigos/SAB_Revista_V24-02_PgSimples.pdf>

³ Diversos pesquisadores de campos específicos de saber tem contribuído nos estudos dos vestígios de povos antigos que se fizeram presentes na região. A arqueologia é um dos campos que vem contribuindo significativamente com descobertas que apontam para complexidades culturais. Ver mais in: CABRAL, Mariana Petry, SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. **Revista de Arqueologia**. v. 21, n. 1, 2008. Acesso em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2826/2446>>.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. **Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. (Tese). São Paulo: USP/MAE, 2008.

⁴ VENTURA, Bruna. **Stonehenge brasileiro - Astrônomo mapeia sítio arqueológico no interior do Amapá e afirma que pedras monolíticas podem ser um grande calendário solar milenar**. Revista Ciência Hoje, n. 268, março, 2010. Acessado em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2010/268/stonehenge-brasileiro>>.

⁵ Obra sobre a qual já nos detivemos em artigo apresentado no Encontro Nacional da ANPAP, *Amazônia, arte e utopia*. Ver: MANESCHY, Orlando. Amazônia, arte e utopia. In: GERALDO, Sheila Cabo, COSTA, Luiz Cláudio da. (orgs). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico], Rio de Janeiro: ANPAP, 2011, bem como na mostra *Amazônia, a arte*.

⁶ Forma como os populares chamam o grande calçadão que margeia a doca do Ver-o-Peso, no qual os barcos aportam e os peixeiros vendem suas cargas.

⁷ Para saber mais sobre os projetos dos artistas presentes na Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, bem como encontrar textos acerca de suas respectivas obras visitar: www.experienciamazonia.org

⁸ EVANGELISTA, Roberto. **Matter Dolorosa - in Memoriam II**, filme, 11'11", 1978.

⁹ Projeto *Arborescência – fisionomia do vegetal na paisagem amazônica*, de Patrick Pardini, contemplado com as bolsas VITAE (2002) e IAP-Instituto de Artes do Pará (2003), selecionado pelo Ano do Brasil na França (2005) e pelo Projeto Portfólio do Itaú Cultural (2008).

REFERÊNCIAS

CABRAL, Mariana Petry, SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. **Revista de Arqueologia**. v. 21, n. 1, 2008. Acesso em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2826/2446>>

_____. O Stonehenge da Amazônia: Megalitos no Amapá são indícios de uma população pré-colombiana desaparecida. **Revista**

de História. Acesso: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-stonehenge-da-amazonia>

CARVAJAL, Gaspar de. Relação do Novo descobrimento do famoso rio Grande. In: Descobrimto do rio das Amazonas. (Brasíliana série 2º, Vol.203). São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1941.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. **Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA.** (Tese). São Paulo: USP/MAE, 2008.
_____; LOPES, Daniel. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. Revista de Arqueologia, V. 24, No 2, dez. 2011. Acessado em: <http://sabnet.com.br/revista/artigos/SAB_Revista_V24-02_PgSimples.pdf>

HERKENHOFF, Paulo. **Amazônia: ciclos de modernidade.** São Paulo: Zureta, 2012.

MANESCHY, Orlando. Amazônia, arte e utopia. In: GERALDO, Sheila Cabo, COSTA, Luiz Cláudio da. (orgs). **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas** [Recurso eletrônico], Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.

Orlando Franco Maneschy

Artista, curador independente e crítico. Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC/SP. É curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Participa de projetos no país e no exterior, como: Projeto Arte Pará, de 2008 a 2010; Amazônia, a arte, 2010; Caos e Efeito, 2011, (curadoria); Wild Nature, Alemanha, 2009; Equatorial, Cidade do México, 2009, Entre o Verde Desconforto do Úmido, 2012, (artista), etc.